

EDUCAÇÃO E ENSINO.

LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo: roteiro da libertação social.** Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963 (p.209-2012).

Ninguém, hoje, desconhece a importância da educação e do ensino na formação do caráter moral do indivíduo e, conseqüentemente, na evolução e melhoramento da sociedade humana.

A escola atual preocupa-se antes em fazer dos educandos seres passivos, flutuando ao sabor de sugestões mal definidas, do que homens aptos para os embates de vida intensa dos nossos dias e capazes de influir para um melhoramento progressivo do meio em que se agitam como fatores sociais.

A escola, fonte alimentadora dos caudais de ideias que tão poderosamente influem no destino das sociedades humanas, deve merecer a mais acurada, a mais cariciosa, a mais desvelada dedicação por parte dos reformadores sociais, dos que sonham um futuro diferente para a Humanidade, porque é nela, justamente nela, nos seus bancos e nos seus livros, que se preparam as novas gerações, que fatalmente serão arrastadas para a felicidade ou para a desgraça, para o bem ou para o mal, para a liberdade ou para a escravidão, para a paz ou para a guerra, para a vida ou para a morte, segundo o critério em que elas se baseiam, segundo o espírito, bom ou mau, que as anima e o objetivo a que elas se destinam.

É nelas que reside o segredo da força mantenedora dos preconceitos patrióticos, das convenções sociais, das superstições e dos dogmas religiosos.

Daí, pois, a razão por que o Estado e a Igreja disputam entre si a primazia no mister da instrução popular e têm as suas vistas constantemente voltadas para a questão do ensino, procurando aumentar sempre e de maneira considerável as instituições destinadas à formação de mentalidades que se adaptem melhor à vida de degeneração e perversidade das sacristias e dos quartéis do que à atmosfera sadia da liberdade e da felicidade resultantes da emancipação da consciência e do pensamento.

• • •

Liberdade, responsabilidade e autodisciplina caracterizam a formação da personalidade humana de acordo com os conceitos fundamentais do anarquismo.

Partindo desse princípio, os anarquistas entendem por educação o conjunto de conhecimentos racionais e objetivos que contribuem para o aperfeiçoamento intelectual, moral e físico do indivíduo livre em função da sociedade livre. Sim, o indivíduo livre como produto de um ambiente onde nem mesmo a liberdade é imposta, mas exercida; responsável, porque a sua liberdade está condicionada à liberdade dos seus semelhantes, e a responsabilidade na convivência social deve ser consequência da harmonia coletiva; autodisciplinado, porque, ao contrário da disciplina, imposta na sociedade capitalista por códigos e regras de moral que estão em desacordo com as leis naturais e obrigam o indivíduo a aceitar a desigualdade econômica e a conformar-se com as injustiças de que é vítima, as normas de vida numa sociedade anárquica o conduzem à necessidade de uma autodisciplina, pautando os seus atos de acordo com os interesses da coletividade, que são os seus próprios interesses.

Na aplicação dos métodos pedagógicos os anarquistas acham que se devem ter em conta todos os fatores determinantes da formação do caráter: meio ambiente, alimentação, tendências hereditárias e até mesmo as particularidades psicológicas dos diversos temperamentos. "Há muita diferença", diz Ricardo Mella, "entre explicar ideias religiosas e ensinar um dogma religioso; expor ideias políticas e ensinar democracia, socialismo ou anarquia. É necessário que tudo seja explicado, mas sem impor coisa alguma, por mais certa e justa que nos pareça. Só a este preço a independência intelectual será efetiva. E nós outros, que colocamos acima de tudo a liberdade de pensamento e de ação, que proclamamos a real independência do indivíduo. não podemos preconizar, para os jovens, métodos de imposição, nem mesmo métodos de ensinamento doutrinário".

A escola que desejamos, sem denominação prévia, é aquela em que melhor e mais se desperte nos jovens o desejo de saber por si mesmos, de formar as suas próprias ideias. Nossos esforços em matéria de ensino devem propender não a um proselitismo extensivo, mas ao cultivo intensivo das inteligências. É de tal eficácia o fator liberdade que até mesmo nas criaturas educadas no abandono dá seus frutos benéficos. E, se na Humanidade ainda persiste a escravidão moral e material, é porque precisamente se tem empregado no ensino o fator imposição.

"Experiência, observação, análise, completa liberdade de juízo e assimilação, e os homens do porvir não terão de nos reprochar a continuação das algemas que pretendemos romper".

Tem-se falado do ensino laico. Essa classificação só dá ideia de que não se trata de uma educação feita por professores religiosos. Analisando bem, essa classificação é desnecessária, porque a generalidade do magistério, em quase todos os países, é exercida atualmente por laicos que ensinam o catecismo.

Há também quem fale do ensino neutro. Contra esse é preciso protestar energicamente, em nome do respeito que a infância nos merece. Neutralidade entre o erro tradicional e a verdade científica supõe um equilíbrio impossível entre as crenças que se vão desvanecendo a cada instante e os conhecimentos que incessantemente avançam. A essa impossibilidade há a juntar a injustiça de se incutir nas crianças o mesmo respeito pelo errado e mau como pelo verdadeiro e bom.

Que professor aceitaria tal vileza? Pela dignidade do professorado e pelo amor à infância, é preciso rejeitar o ensino neutro. Conclui-se, pois, que a escola laica é insuficiente, que o ensino neutro é indigno, e que resta a educação racional como a única útil e prática.

Nada mais oportuno e necessário do que determinar e precisar o que deve ser o ensino racionalista, dado o meio em que vivemos. Em uma sociedade racionalista, perfeita e justa, se poderia falar de ensino, dispensando-se a classificação; na sociedade em que vivemos, porém, o ensino é tradicional, e, por isso mesmo, essencialmente estacionário e antiprogressista.

Quantos amam o progresso e anseiam pelas reparações justiceiras que o futuro lhes promete, necessitam preparar a infância para uma educação nova, que rompa a cadeia dos erros tradicionais e fortaleça a inteligência com verdades, para que as gerações

porvindouras deem no decurso da vida o fruto que legitimamente se pode esperar da natureza humana.

Ensino racionalista quer dizer, o ensino que tem como meio a razão e como guia a ciência; como esta ainda não disse a última palavra sobre qualquer assunto, resulta que o ensino racionalista não tem programa fixo. Ao ensinar todos os dias os fenômenos físicos do Universo e sociais da Humanidade, fá-lo com a especial reserva de que só tem mérito o que está comprovado, o que os sentidos admitem e a experiência sanciona.

O ensino racionalista tem por fim ensinar todas as verdades experimentais, por contrárias que sejam às ideias admitidas anteriormente; terá somente em conta a idade da criança para graduar as fases do ensino, para que o seu tenro cérebro receba facilmente cada nova impressão que haja de conservar. Nunca será enganada, nem se dirá nada que ela não possa compreender.

Tais são os atributos principais do ensino e educação racionalistas, cujo alcance para a emancipação intelectual e moral da Humanidade, é já suficientemente evidente.

Sob o ponto de vista racionalista, cada escola deve ser o núcleo de onde se irradie a luz fulgurante de ideias capazes de tornarem os homens bons dentro de uma sociedade boa.

O ensino racionalista afigura-se-nos como o único reativo possível à educação calcada nos dogmas religiosos, políticos e sociais, e que, desviando por um erro inicial os seres humanos do caminho que lhes deverá ser traçado por um conhecimento perfeito das leis naturais, teve como resultado o caos atual em que a Humanidade tateia buscando um equilíbrio que nem a religião nem o Estado lhe podem oferecer.

Para Elslander, "a educação de hoje é o encarceramento das inteligências por trás dos varões de algumas ideias banais". Despindo o ensino das roupagens poeirentas de preconceitos arcaicos, de ideais mortos e concepções obsoletas com que a Humanidade se embalara na madrugada de sua infância, o racionalismo, como método, de pedagogia, abebera o adolescente ávido de saber, sedento de curiosidade, do imenso manancial de conhecimentos humanos adquiridos através das gerações que se sucederam e deixa que aí se aperceba ele da grandiosidade da natureza na sua constante transformação, sempre renovada, e da grandeza do homem evoluindo sempre para um ideal de perfeição.

A escola racionalista, livre das peias dogmáticas que anulam o raciocínio, impedem o livre exame e cerceiam as iniciativas investigadoras, em vez de papagaios quer fazer homens capazes de observar, compreender e discutir; homens de senso crítico, capazes de se desvencilharem da imensa carga de preconceitos insustentáveis que impedem o livre surto das inteligências.

O ensino racionalista dirige-se mais à inteligência do que à memória, fazendo partir a educação do conhecido para o desconhecido e desenvolvendo com esta marcha, na criança, a iniciativa e o esforço pessoal. Em vez do ensino de palavras vagas de definições obscuras, o ensino pelos fatos, pela natureza, pela vida. Em vez do ensino englobado, por junto, quer a cultura individual, como o jardineiro que dá cuidados especiais a cada planta.

A escola que encerra a infância no quarto escuro das ideias preconcebidas, cerradas as janelas que dão para a vida, pratica uma castração, uma mentira, uma traição, uma violência lamentável e de funestas consequências para o futuro. Que a criança se debruce a todas as janelas do palácio imenso do saber humano; que contemple todas as

paisagens, estude todos os aspectos, desfrute todos os pontos de vista, encare todas as perspectivas.

Todas as janelas abertas de par em par! Não há perigo em se conhecer a verdade; só a mentira é perigosa para o indivíduo, para a sociedade e para os povos. A escola deve expor todos os problemas e questões de um modo positivo, objetivo, inconfundível, mostrando e cotejando todas as opiniões, para que daí possa resultar uma conclusão lógica, raciocinada, firmemente baseada em argumentos sólidos, capazes de resistir aos embates das heresias dogmáticas.

Tal é o ensino racionalista, conforme o entendem os seus mais extremos propugnadores, de Sebastião Faure e Elslander, de Paulo Robin e Francisco Ferrer — sacrificado por havê-lo posto em prática.

A fecunda experiência de Francisco Ferrer y Guardia instituindo na Espanha, a Escola Moderna, na base do ensino racionalista, dá uma ideia de como os anarquistas encaram os problemas da educação. As arcaicas instituições do ensino religioso sentiram solapadas as colunas tradicionais do seu edifício monástico com as novas e triunfantes idéias do ensino racionalista, baseado no livre exame e nos métodos expositivos e dedutivos. Era a luz da verdade abrindo caminhos na sombria e emaranhada abóbada ultramontana da ignorância tonsurada. Não foi outro o motivo que levou o governo de Afonso XIII, instigado pelo clericalismo, a envolver Francisco Ferrer nos tumultuosos acontecimentos de Barcelona, em dezembro de 1909, numa intriga própria do jesuitismo, que culminou no fuzilamento desse grande idealista e mártir da liberdade do pensamento.

Não valeram os clamores erguidos numa agitação mundial de protesto contra o negro crime de morte que se praticava, agitação em que se envolveram não apenas as organizações socialistas, mas todas as consciências livres e a imprensa de todos os países, notadamente os professores das universidades, que viram na execução de Ferrer, e posteriormente no fechamento de todos os estabelecimentos de ensino mantidos pela Escola Moderna, a verdadeira causa da intriga clericalista: acabar com o ensino livre e asfixiar a liberdade.

**"Revista Liberal", Porto Alegre, JOÃO PENTEADO,
SOUSA PASSOS, SOLIDAD GUSTAVO.**